

40º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

Mesa Redonda:

Configurações do campo da Antropologia Linguística no Brasil

**Mulheres Surdas Líderes: a constituição de uma comunidade virtual em
LIBRAS**

Ana Luisa Borba Gediel

Agência de fomento da pesquisa:

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

Caxambu, 2016.

1. Introdução

A visibilidade do movimento das pessoas Surdas em prol da acessibilidade por meio da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - coincide com o advento da popularização do uso de tecnologias e mídias virtuais usufruindo de computadores, *internet*, *smartphones*, mensagens *online* e mídias sociais *online/offline*, no início dos anos 2000. Os movimentos Surdos¹, nesse mesmo período, adquirem conquistas relacionadas ao reconhecimento da LIBRAS como principal forma de comunicação e expressão das pessoas Surdas no Brasil (BRASIL, 2002), além da ampliação de espaços de discussão e inserção no âmbito educacional, por meio de políticas de reconhecimento do grupo e da sua língua.

Nesse mesmo período, um grupo de mulheres Surdas, advindas de contextos de liderança² de diferentes estados brasileiros e de países vizinhos da América Latina, organizaram-se, demonstrando senso de poder e agência, com a realização do *I Encontro Latino Americano de Mulheres Surdas Líderes*, que ocorreu na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, no ano de 2004. Este evento teve a participação ativa de lideranças³ da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, considerada uma das Federações de maior impacto e apoio frente aos movimentos de pessoas Surdas, na época era dirigido por uma mulher Surda.

¹ O uso dos termos movimentos Surdos e Comunidades Surdas são considerados como uma referência êmica e, em específico a palavra Surda(o), com a letra S em maiúscula, ocorre para a denominação daquelas pessoas que se consideram culturalmente diferentes e que utilizam a LIBRAS como primeira língua (PADDEN & HUMPHRIES, 2006). Adoto a utilização de tal nomenclatura, tendo em vista que todas as participantes da pesquisa se autoidentificam como Surdas e militam por este reconhecimento.

² A utilização do termo liderança condiz com a posição ocupada pelas mulheres da pesquisa, referente à representação política demonstrada por meio das narrativas postadas publicamente via *internet* e por meio dos cargos institucionais por elas assumidos.

³ Conforme Peirano (2002), os eventos são situados etnograficamente de acordo com a relevância do mesmo para o nativo.

Esse *I Encontro* reuniu mulheres que ocupavam posições institucionais⁴, com o objetivo de iniciar um movimento de mulheres, para a reivindicação de acessibilidade às mulheres em diferentes instâncias sociais. Tal articulação estava pautada na necessidade de disseminar aos demais sinalizantes, ou seja, usuários das línguas de sinais, a importância do reconhecimento e do uso da LIBRAS como primeira língua do grupo. Essa forma de conscientização idealizada pelas líderes Surdas teria a finalidade de transformar o acesso aos espaços e às instituições de saúde, de educação e de trabalho, como forma de adquirir o direito à comunicação e expressão em sinais. Nesse sentido, Keating (2000, p. 235) afirma que os espaços de formação do movimento revelam significativa importância aos grupos que utilizam língua de sinais para a autorreflexão e difusão de ideais a respeito da “representação de ideias sobre tempo, emoções [...] e estruturas sociais” a partir do uso de sinais. Desse modo, o campo da pesquisa partiu do I Encontro de mulheres Surdas, tendo em vista a relevância desse evento.

Algumas das líderes tiveram destaque e começaram a participar de forma visível de atividades institucionais frente ao movimento Surdo e, consecutivamente, se envolveram na elaboração de políticas voltadas às mulheres, assim como na formação de novos segmentos para iniciativas de educação bilíngue para crianças Surdas, na capacitação e na criação de eventos e atividades voltadas para a área da saúde para a mulher Surda, dentre outras iniciativas.

Ao mesmo tempo em que essas iniciativas vinham sendo desempenhadas, outras ações foram tomadas referente à acessibilidade das mulheres Surdas, como exemplo a utilização de gêneros como *blogs* e documentos *online/offline*, sendo estes disponibilizados pelas instituições representadas por essas mulheres.

Os vídeos em LIBRAS passaram a ser postados via *internet* por algumas dessas líderes, destacando-se também a criação de canais no *YouTube* com

⁴ As participantes são identificadas a partir da ligação direta com instituições que atuam em prol dos movimentos Surdos. Todas as mulheres participantes do evento têm a LIBRAS como principal meio de comunicação; e, de forma geral, são advindas de classe média e possuem nível superior de escolaridade.

uma grande quantidade de publicações. Os vídeos trazem um leque variado de tópicos, tais como: a sinalização sobre a inclusão e os direitos Surdos; a educação bilíngue; as explicações a respeito da gramática da LIBRAS; as respostas às dúvidas de perguntas postadas por outras pessoas Surdas via *Facebook*; os temas de descrição da vida diária e a importância da LIBRAS; os poemas; entre outros. Ao identificar o desenvolvimento cronológico das atividades e das ações realizadas após o evento, percebi que os vídeos do *YouTube* poderiam ser uma importante ferramenta para a análise dos discursos⁵ das mulheres Surdas líderes.

A partir desse material, o presente trabalho tem o objetivo de compreender as repercussões dos discursos *online* para a criação de uma *comunidade virtual*⁶ Surda no Brasil, por meio da constituição de redes virtuais, em que a comunicação ocorre a partir da Língua de Sinais. Para isso, pontuo algumas expressões permeadas por ideologias linguísticas, que podem ser identificadas como constituintes desse processo de elaboração.

A conformação das ideologias linguísticas sustenta a consolidação de uma língua que se tornou referência política, identitária e de elucidação de uma especificidade cultural do grupo. Desse modo, o campo da Antropologia Linguística contribui para pontuar alguns aspectos importantes que envolvem a análise da língua como principal meio de interpretação da realidade investigada, pois conforme afirma Gal (2006, p.171), essa disciplina é responsável pelo “estudo da língua na cultura e na sociedade”.

Para a discussão deste trabalho, inicialmente farei uma descrição a respeito do panorama das demandas de acessibilidade em LIBRAS pelas

⁵ O conceito de discurso adotado neste trabalho aproxima-se das contribuições advindas da Antropologia Linguística (SILVERSTEIN, 1976; BAUMAN, 1977; HYMES, 1981), tendo em vista a diversidade linguística e as políticas linguísticas que envolvem dimensões discursivas referentes à nacionalismo, poder e desigualdade social. Desse modo, conforme Briggs (2015, p. 505), esses autores auxiliaram a refletir e questionar a respeito dos “múltiplos papéis da língua na vida social”.

⁶ A noção de comunidade virtual está embasada na ideia de Rheingold (1993, p. 4) , q u e define como “agregações sociais que emergem por meio da internet, a partir de pessoas que promovem discussões públicas por determinado tempo e com sentimento humano suficiente para formar redes de relações pessoais no ciberespaço”.

líderes, e como essas estão pautadas por ideologias em torno de uma retórica envolvendo língua e cultura. Posteriormente, apresentarei o percurso metodológico, o universo da pesquisa e as especificidades da análise dos vídeos em LIBRAS. Em seguida, trarei alguns dados elucidados por meio da transcrição dos vídeos do *YouTube*, para demonstrar a diversidade de tópicos discutidos pelas líderes. Estes têm como foco comum da temática o fortalecimento da LIBRAS e da comunidade Surda, o que demonstra a elaboração de uma *comunidade virtual*. E, por fim, busco aclarar alguns resultados e descrever considerações, as quais interligam a discussão ao viés da Antropologia Linguística.

2. Demandas da LIBRAS e implicações ideológicas

O contexto da pesquisa está alicerçado nas discussões reconhecidas historicamente pelos movimentos Surdos referente à reivindicação de acessibilidade em diferentes esferas sociais. Isso inclui o processo de lutas pelos direitos, levando em consideração as especificidades linguísticas e culturais. A identificação do grupo acerca da *cultura Surda* está respaldada como um conjunto de “significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, por meio dos quais os homens se comunicam, perpetuam, desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 1989, p. 66). Nessa perspectiva, entendo que a cultura do grupo de Surdos, usuários da LIBRAS como L1, perpassa por um sistema complexo de significados linguísticos, os quais são atribuídos pelas comunidades Surdas, por meio dos espaços institucionalizados, para o acesso à cidadania e aos direitos humanos.

Baseado nessa ligação cultural da LIBRAS como uma das grandes conquistas reconhecidas pela comunidade ativista está a lei Federal de nº 10.436, aprovada em 2002, também conhecida como lei de LIBRAS, que declara esta língua como uma forma legal de comunicação e expressão (BRASIL, 2002). A partir desse documento, houve o respaldo e a abertura de espaços para a utilização da LIBRAS em contextos institucionais como escolas,

sistema público administrativo e de saúde, além do legislativo, como no caso dos tribunais. Esse contexto forneceu incentivo para os movimentos Surdos expandirem seus direitos.

A lei de LIBRAS foi sucedida pelo decreto que a regulamenta e garante o acesso aos serviços governamentais e educacionais, o Decreto Número 5.626, de dezembro, de 2005. A partir desse decreto foi estabelecida a inclusão da LIBRAS nos currículos acadêmicos em todo o Brasil para o nível superior, sendo necessária a inclusão da disciplina de Introdução à Língua Brasileira de Sinais nos cursos de Licenciatura, Fonoaudiologia e Pedagogia exigindo que todas as instituições aderissem ao regulamento até o ano 2010.

Os acordos políticos podem ser vislumbrados como uma indicação legal da recém divulgada LIBRAS⁷, reconhecida como língua em todo território nacional. No entanto, isso não significa, necessariamente, que as pessoas Surdas tenham acesso a essa língua e que a padronização linguística⁸ seja reconhecida como legítima para todos os sinalizantes do território brasileiro. Ainda assim, é importante mencionar que há um número considerável de surdos que optam por não utilizarem a LIBRAS.

Embora a legislação tenha oficializado a LIBRAS enquanto língua usada no território nacional, muitas instituições não tinham (e ainda não têm) a capacidade de implementar o exigido pela lei. E, oferecem parcialmente, ou não oferecem, um suporte direcionado à LIBRAS e à inserção de profissionais tradutores e intérpretes de LIBRAS/Língua Portuguesa nas instâncias públicas e privadas. A posição do prestígio legal, o que inclui as medidas políticas que viabilizam a LIBRAS no âmbito institucional, foi abraçada por todas as lideranças que tiveram seus vídeos analisados. Nesse sentido, dentre as

⁷ Pode-se considerar a LIBRAS como uma língua recente tendo visto que no Brasil os estudos linguísticos que respaldam as principais características gramaticais, tais como Ferreira-Brito (1984); Karnopp (1994); Quadros (1995); Felipe (1998), tiveram início das pesquisas na década de 1980 e 1990.

⁸ Não farei uma discussão a respeito da padronização da LIBRAS em comparação com a Língua Portuguesa, no entanto, é possível perceber um processo implícito de construção de um padrão linguístico na LIBRAS, assim como ocorre em outras línguas de sinais e nas línguas orais. Em relação à padronização da LIBRAS, me refiro à uma língua que é composta não apenas como uma variedade, mas uma multiplicidade de variedades regionais, que vem sofrendo um processo de regulamentação e de gramatização, o qual seja correspondente em suas variações e formas gramaticais em todo o país.

diversas formas de manifestações e as diferentes demandas, a questão que ligava todos os discursos estava entrelaçada na importância da Língua de Sinais e a união do grupo a partir do uso de uma padronização dessa língua (ideologias linguísticas).

Silverstein (1979) afirma que os “conjuntos de crenças sobre a língua são articulados pelos usuários como uma racionalização ou justificação da estrutura da linguagem percebida e usada” (1979, p 193), os quais são objetos dignos de investigação científica. Nessa conjectura, Silverstein observa que as ideologias linguísticas têm o potencial de levar mudanças estruturais às línguas. Sobre esse ponto, Kroskrity descreve que esse seria o “potencial [...] para transformar essas estruturas [linguísticas]” (KROSKRITY, 2009, p.190), o que tem sido explorado no campo da Antropologia Linguística.

A análise de Kroskrity, na pesquisa etnológica fundamentado nas ideologias linguísticas, relata, a partir da descrição de uma ativista da língua denominada Mono, uma espécie de agência que não é “meramente a capacidade de agir; mas, uma consciência que leva à transformação de eus e de sistemas” (2009, p.192). Ao levar em conta essa concepção, discorro a respeito da agência na ideologia voltada à Língua de Sinais, na tentativa de elucidar as ideologias linguísticas específicas delimitadoras deste trabalho.

As ideologias linguísticas, conforme a definição de Kroskrity (2009), são as “crenças, sentimentos e concepções acerca da estrutura da língua e seu uso indexado aos interesses individuais, econômicos e políticos dos falantes, das etnias, dos outros grupos de interesse e dos estados-nação” (KROSKRITY, 2009, p. 192). Essa descrição do autor auxilia na delimitação teórica do estudo. A partir da reflexão acerca da língua e da cultura, aponto para as questões presentes nas entrelinhas da construção ideológica do uso e da reivindicação da LIBRAS, feitas pelas lideranças Surdas.

Com o intuito de conceituar os argumentos das líderes Surdas é preciso, também, refletir sobre como esses vídeos contribuem para a padronização da língua. Silverstein (1993) alega que o ato de falar sobre a conversa (discurso metapragmático) desempenha um papel importante na “institucionalização de

mecanismos discursivos da sociedade⁹" (SILVERSTEIN, 1993, p. 55). Em contraste com a hegemonia linguística (SILVERSTEIN, 1996) do Português no Brasil¹⁰, que se presta a uma discussão oralista, estes vídeos promovem um espaço hegemônico que contradiz a ideologia oralista a favor da utilização da LIBRAS. Ironicamente, a plataforma usada pela comunidade Surda brasileira também segue um ideal de padronização linguística, em uma perspectiva que valoriza algumas variedades da língua e desvaloriza outras formas de sinalizar.

Com base nisso, considero os vídeos do *YouTube* como produções ideológicas que afetam as políticas governamentais e institucionais linguísticas. Em todos os vídeos analisados foi possível evidenciar a LIBRAS como a melhor maneira dos Surdos brasileiros participarem não apenas da *cultura Surda*, mas também da cultura, da educação, da saúde e da política brasileira.

No Brasil, o Português é a língua padrão do Estado e das suas instituições. Há um movimento de padronização da LIBRAS para a regularização da mesma em diferentes regiões e estados brasileiros, como foi observado nos discursos das Surdas líderes. De forma indireta, as lideranças demonstram que uma uniformidade linguística auxiliaria na formação de profissionais Surdos e de intérpretes, no empoderamento da língua, na construção de uma identidade Surda e na adesão e expansão da LIBRAS. A esse respeito, Kroskrity (2009) sugere que mais atenção deve ser dada ao "potencial transformador" das ideologias linguísticas (2009, p. 191).

3. Do evento às mídias virtuais: trajetórias da pesquisa

A pesquisa está baseada em uma abordagem etnográfica, que tem como ponto de partida o acompanhamento virtual de um grupo de mulheres Surdas






⁹ Nas palavras de Silverstein: "From this perspective of the converse movement in the dialectic process, explicit metapragmatic registers instantiated in metapragmatic discourse encapsulate ideologies of language use and play an obvious role in the institutionalization of discursive mechanisms of society." (1993, p. 55).

¹⁰ Para este artigo, analiso a padronização da LIBRAS, uma língua composta não de apenas uma variedade, mas uma multiplicidade de variedades regionais. Embora seja interessante, não irei discutir a padronização da LIBRAS em comparação com o Português, visto que esse não é o foco do presente trabalho. Em vez disso, interessa discutir sobre os delineamentos que vem sendo abordados pelas líderes para a constituição de uma comunidade virtual Surda, em que a padronização está como um dos itens em pauta.

que participaram do *I Encontro Latino Americano de Mulheres Surdas Líderes*. A partir do evento, esse segmento foi mapeado e acompanhado por meio das mídias virtuais, tais como *blogs*, canais do *YouTube*, entrevistas, reportagens e palestras em LIBRAS postadas na *internet*. Essa primeira etapa de mapeamento das lideranças Surdas, após o evento, ocorreu durante o período de novembro de 2014 à agosto de 2015.

O ambiente virtual torna-se um aliado como fonte de observação e de registro de dados. Dessa forma, foi levada em consideração a qualidade etnográfica da pesquisa que, segundo Peirano (2014, p. 10), “reside em ultrapassar o senso comum quanto aos usos da linguagem”. As manifestações sinalizadas virtualmente constituem um contexto específico e uma história que é comunicada, cujos resultados foram evidenciados ao longo do campo.

Tendo em vista o grande número de materiais e a densidade dos documentos encontrados, a delimitação da pesquisa teve como enfoque o uso de postagens que estivessem em Língua de Sinais, direcionando para o acompanhamento dos vídeos no *YouTube*. Dentre as várias líderes participantes do *I Encontro*, observei ao longo da primeira etapa da pesquisa aquelas que se destacavam em relação ao número de postagens e a repercussão desses vídeos nas mídias sociais, tais como *Facebook* e as interações via canais do *YouTube*.

Desse modo, este estudo baseou-se na produção dos discursos em LIBRAS de cinco (5) lideranças Surdas: , , ,  e . As líderes foram identificadas a partir dessas imagens, as quais correspondem à configuração de mão do sinal que representa o nome próprio¹¹ de cada uma delas. No entanto, a identidade é resguardada, conforme os parâmetros éticos de pesquisa, visto que para o reconhecimento de um sinal próprio é necessário

¹¹ O processo de nomeação por meio de sinais representam os nomes próprios das pessoas Surdas, as quais utilizam a Língua de Sinais como principal forma de comunicação, é um fenômeno social recorrente em diversos grupos de sinalizantes (Nonaka et al, 2015; Heredia, 2007).

a identificação de no mínimo três, dos cinco parâmetros fonológicos: configuração de mão, movimento e locação¹².

A coleta e análise dos dados foi realizada entre agosto de 2015 e abril de 2016, usufruindo dos elementos da etnografia, ou seja, as observações *online/offline*, o caderno de notas e o diário de campo. O diário de campo foi o instrumento de registro semanal de todas as informações coletadas virtualmente. De acordo com Marcuschi (2004), a coleta de dados realizada via postagens *online* viabiliza a percepção de novas formas de comportamento comunicativo e de práticas pluralistas, que podem ser exploradas minuciosamente e retomadas, devido ao seu carácter virtual. Assim, a visualização e as análises dos discursos das líderes que ocorreram, desde o primeiro momento, em LIBRAS. Sobre o aspecto visual dessa língua, os dados imagéticos visitados, tendo em vista a modalidade espaço-visual, são elementos que dão relevo às performances, possibilitando no entendimento das projeções discursivas criadas pelas líderes, considerando aspectos para além do imagético mobilizado (ROCHA, 1995).

Os vídeos encontrados foram catalogados e salvos mensalmente para posteriormente realizar a transcrição e a análise. Ao todo foram coletados quarenta e cinco (45) vídeos, a duração variou entre 2 à 48 minutos. As líderes, em sua maioria, apresentam-se, nos vídeos, como educadoras e atuam com diferentes propósitos, conforme pode ser identificado na tabela a seguir:

¹² Estes parâmetros são considerados como os parâmetros linguísticos essenciais para a obtenção de um sinal, sendo estes baseados na constituição gramatical da Língua de Sinais Americana – ASL –, por Stokoe (1960) e adequada à gramática da LIBRAS no Brasil. A saber são eles: 1) a configuração de mão, que representa o formato da mão para a realização do sinal; 2) a locação, ou seja, o local onde o sinal é realizado; 3) e o movimento, que condiz se o sinal possui ou não um movimento. Esses três parâmetros iniciais compõem os cinco parâmetros linguísticos que na década de 1970 houve a adição da orientação de mão e das expressões faciais e corporais como componentes gramaticais dos sinais por Klima & Bellugi (1979).





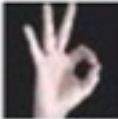




Líder Surda	Perfil
	Feminista e ativista do movimento Surdo Negro, com vídeos voltados para a discussão de direitos de cidadania e acessibilidade nas diferentes esferas sociais.
	Educadora interessada na difusão da LIBRAS no Ensino Superior e na inserção de pessoas Surdas no âmbito educacional. Ainda, lidera o movimento referente à Escola Bilingue.
	Educadora, com a produção de vídeos para auxiliar pessoas Surdas no esclarecimento de dúvidas referentes aos direitos e acessibilidade no âmbito político, de saúde e social.
	Educadora, com a ênfase em desenvolver vídeos para auxiliar pessoas Surdas no esclarecimento de dúvidas referentes aos direitos e acessibilidade no âmbito político, de saúde e social.
	Educadora, com vídeos voltados para o diálogo com outros ativistas Surdos, no sentido de desenvolver novos estímulos para o movimento de reconhecimento e aceitação da LIBRAS

Tabela 1: Perfis das Líderes Surdas

A análise dos dados coletados levou em consideração os discursos e as funções dos mesmos para a construção do movimento de liderança dessas mulheres. De acordo com Mendoza-Denton (2008), a análise das práticas discursivas possibilita verificar a complexidade comunicativa e as práticas incorporadas para o estabelecimento da identidade do grupo. Para tanto, este trabalho apresenta transcrições e análises de trechos de cinco vídeos do

YouTube elaborados, individualmente, por quatro Líderes Surdas:  ,  ,  e  . Sendo dois, destes cinco vídeos, realizados por apenas uma delas.

A visualização dos vídeos em LIBRAS e a transposição para a escrita da Língua Portuguesa foi realizada por meio do programa InqScribe. De acordo

Biella (2008, p. 7), o software InqScribe pode beneficiar a pesquisa colaborativa baseada em grupos e "quaisquer outras formas de triagem que necessitem de transcrições, traduções legendadas ou a sincronização de anotações com áudio ou vídeo". No entanto, para chegar ao formato da Língua Portuguesa, ocorreu o processo de transcrição.

McCleary & Viotti (2007) explicam a respeito da transcrição Língua de Sinais/Língua Portuguesa. Os autores descrevem que o sistema de escrita na língua de sinais é amplo e ocorre devido à necessidade de criar uma adaptação fonético-fonológico da língua espaço-visual para a escrita textual. Em geral, existe uma possibilidade de uma "variação de um sistema de glosas, em que uma palavra em inglês (ou outra língua oral), grafada em maiúsculo, é usada para representar o sinal manual com o mesmo sentido" (MCCLEARY & VIOTTI, 2007, p. 2).

De acordo com McCleary et al. (2010), o pesquisador tem uma escolha no formato da transcrição narrativa: um deles é denominado como técnica de produção de dados semi-espontâneo, essencialmente descrito por meio de imagens. O outro formato, que foi adotado neste estudo, tem a descrição de palavra por palavra, ou seja, a transcrição é feita de acordo com a forma como as palavras são usadas. No caso da Língua de Sinais, é necessário também fazer o registo adicional dos sinais, apontando os principais elementos constituintes dos parâmetros linguísticos, além adicionar as expressões faciais e corporais relacionadas aos marcadores gramaticais de pontuação. Tal transcrição pode ser exemplificada a partir do excerto extraído de McCleary e Viotti (2007, p. 15):

71.	HOMEM	ÁRVORE
	nd(1x)	2m(1x)
	[o] homem	[na] árvore

Os detalhes das frases são desmembrados a cada sinal, conforme é realizado tradicionalmente nos estudos da Análise da Conversa (AC), referente às frases e às palavras nas línguas orais. Ainda, os autores discutem a adição de *tags* e códigos não-manuais de sinais para fazer uma demarcação do espaço por letras ou números. Para a transcrição dos sinais e marcação dos elementos

considerados não-manuais e os referentes de uso das mãos (uma, duas, ambas ativas), locação e movimento, os autores McCleary et al. (2010), descreveram um conjunto de códigos¹³, os quais utilizei para a elaboração de um quadro, referente a esses dados, que serão apresentados a seguir. Além disso, adicionei um código, com base na estrutura da LIBRAS (QUADROS & KARNOPP, 2004), para marcar os sinais que utilizam as duas mãos, sendo uma ativa e a outra considerada como apoio para a realização do sinal, conforme quadro abaixo:

Orientações e movimentos dos Sinais	Códigos
Piscar e/ou direção do olhar (direita)	([p]) (>)
Piscar e/ou direção do olhar (esquerda)	([p]) (<)
Piscar e/ou direção do olhar (para cima)	([p]) (^)
Piscar e/ou direção do olhar (para baixo)	([p]) (v)
Sobrancelhas (levantadas)	(/\)
Sobrancelhas (com nariz franzido)	(/*\)
Nariz franzido	(\//)
Ambas as mãos	(2m)
Ambas as mãos (uma como apoio)	(ma)
Uma mão (direita)	(md)
Uma mão (esquerda)	(me)
Movimento repetido	(1x); (2x)
Lado de realização do sinal (direita)	(>)
Lado de realização do sinal (esquerda)	(<)
Lado de realização do sinal (em frente ao corpo)	-

Tabela 2: Orientações e movimentos dos sinais

Ao longo das transcrições dos vídeos, contei com o apoio de dicionários de LIBRAS como uma referência para auxiliar na composição das transcrições. Esse material auxiliou na verificação das expressões faciais e corporais, assim

¹³ É importante mencionar que esse quadro não apresenta toda complexidade linguística que representa as nuances da língua como um todo. No entanto, utilizei como base para transcrição, tendo em vista que a minha análise não tem como foco a verificação dos aspectos gramaticais. Sendo assim, os códigos descritos auxiliam para o entendimento básico dos sinais para a interpretação subsequente, que é apresentada em Língua Portuguesa. Esta está descrita na linha abaixo dos códigos das orientações e movimentos dos sinais.


como nas especificidades dos sinais para as adequações desses aos contextos apresentados nos vídeos. Desse modo, os sinais foram organizados conforme descrito nos parâmetros do dicionário enciclopédico ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira, de Capovilla et al (2008). Também, foi utilizado como recurso o dicionário de Língua Brasileira de Sinais *online*, criado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, chamado de Acesso Brasil.


Para isto, a transcrição dos dados foi combinada com a técnica da AC com a padronização da transcrição dos dados linguísticos específicos da LIBRAS. A etapa de análise foi realizada com base nas notas de campo e nos excertos transcritos.




4. Do íntimo para o público: a empatia das lideranças na construção de uma comunidade virtual Surda

A partir da descrição etnográfica e da análise microsocial descritiva dos vídeos, proponho que as líderes estão construindo uma *comunidade virtual Surda*. Para ter acesso aos possíveis seguidores dessa comunidade, elas constroem uma relação a partir do vínculo estabelecido por meio do uso da mesma língua e por compartilhar a *cultura*. Além disso, elas têm a autonomia e a autoridade frente aos temas tratados, devido ao fato de terem fluência e conhecimento linguístico a respeito da LIBRAS. Isso, conseqüentemente, faz com que elas se comuniquem em seus discursos por meio dessa mesma língua, o que também está atrelado ao carisma para com os seguidores. E, além disso, as líderes demonstram um papel de liderança, com uma aproximação ao grupo, fazendo um chamamento às diferentes categorias que podem auxiliar na constituição do movimento a formação outros líderes ou para agregar um maior número de adeptos às ideias que estão sendo disseminadas.

Após a participação do *I Encontro*, as líderes Surdas deram continuidade à atuação ativista frente às câmeras, em situações distintas como, por exemplo, a gravação de entrevistas em congressos ou diretamente para mídias sociais. Durante a participação em eventos foram gravados vídeos pelas próprias líderes para tecer comentários que seriam disseminados à "SOCIEDADE SURD@"

BRASIL¹⁴”, como denomina  a sua audiência¹⁵. Além disso, foram gravados vários vídeos amadores, ou seja, via celular ou câmera do computador na própria casa, sendo possível adentrar a um espaço visual íntimo¹⁶, assim como os próprios discursos que visam aproximação ao espectador.

Com um ar descontraído e na cozinha de sua casa,  cumprimenta a todos os participantes do *Facebook* e direciona seu diálogo à uma pessoa específica, que nomeia a partir do sinal próprio, na continuidade de seu vídeo. A intimidade do ambiente caseiro, juntamente com a forma de se expressar frente às câmeras, demonstra uma empatia e uma aproximação com a audiência. Desse modo é esperado que os vídeos tenham muitas visualizações e seguidores, sendo um primeiro aspecto a ser considerado para a criação de uma *comunidade virtual Surda*.

 sinaliza a respeito de questões que ela considera como “CIDADANIA SURD@”, envolvendo esclarecimentos sobre a noção de política que os Surdos devem ter, a qual se diferencia de uma “CÓPIA JEITO OUVINTE”.  conversa diretamente com os professores Surdos, fazendo perguntas e demarcando considerações de uma forma particular, direcionada ao grupo. Da mesma forma,  sinaliza a respeito da necessidade de obter mais conhecimentos em relação às políticas linguísticas em uma perspectiva da

¹⁴ Os sinais das líderes surdas serão apresentados no texto, conforme convenção da prova nacional de Proficiência em LIBRAS - PROLIBRAS, ou seja, a representação de cada sinal em LIBRAS deve ser escrito em letra maiúscula na Língua Portuguesa. Ainda, como não há marcação de gênero nessa língua, na escrita do Português irei utilizar este sinal “@” para a não demarcação naquelas palavras representadas nos sinais.


¹⁵ A utilização do termo audiência está embasado na discussão de Goffman (1974) em seu livro “Frame Analysis” e na releitura de Goodwin (1990), em que a autora discute o termo audiência a partir das formas de interação. Embora no caso do presente trabalho não haja um formato de interação aparente e esse não seja o foco da análise, é visível por meio dos vídeos que as líderes Surdas identificam e endereçam seus discursos para determinado grupo, o que possibilita a nomeação daqueles que assistem os vídeos como audiência.

¹⁶ O sentido de íntimo e público remetem a perspectiva de privado e público descritos por DaMatta (1997). As caracterizações culturais aqui examinadas são públicas e privadas. Ainda, Gal (2005) afirma que a oposição do público/privado implica nas práticas e discursos que envolvem as ideologias linguísticas, as quais são socialmente posicionadas.


inserção educacional da LIBRAS. A líder faz um chamado a “NÓS PROFESSORES SURD@S” para atuar nessa direção.

De acordo com Kroskity (2009), as ideologias linguísticas estão vinculadas aos interesses individuais, econômicos e políticos do grupo ou dos indivíduos em questão, o que enfatiza no caso das líderes a partir da identificação do jeito de ser Surdo(a) e da reivindicação da LIBRAS como uma forma de atingir a cidadania. Tais questões, além de envolver a noção individual, também são constituídas por um capital simbólico e cultural (BOURDIEU, 1977), que possibilita adentrar nas reivindicações sociais, educacionais e políticas.

A partir das descrições etnográficas é possível verificar que os discursos das líderes têm foco específico em determinado assunto a ser contemplado, ou ideia para ser disseminada através dos vídeos do *YouTube*. Essa iniciativa de geralmente direcionar seus discursos ao iniciar os vídeos possibilita fazer um mapeamento da audiência desejada e das repercussões que envolvem tal escolha. Desse modo, os excertos abaixo demonstram alguns dos exemplos dos diferentes públicos: os cariocas, os Surdos brasileiros em geral, os professores surdos e os seguidores do *Facebook*.


Excerto 1:  convida os/as “cariocas” para participarem de um evento a respeito de pessoas Surdas Negras¹⁷, que aconteceu no Rio de Janeiro, no ano de 2015.

BOM DIA R-I-O C-A-R-I-O-C-A BEM
(md) - (md) (>) datilologia (md) (/*\)
Bom dia, Rio! Bom dia, Cariocas! Tudo bem?

Excerto 2:  sinaliza a respeito da importância das escolas bilíngues para as pessoas Surdas no Brasil.

OLÁ BEM SURD@ BRASIL SOCIEDADE
(2m) - (2x) (2m) - (/ \) (md) (>) (md) (>) (md) -
Olá, sociedade Surda brasileira, tudo bem?

¹⁷ utilizo a letra maiúscula como inicial da palavra, conforme descrito no material de divulgação do evento.

Excerto 3:  inicia o vídeo com a saudação aos professores Surdos e direciona a conversa para aqueles que atuam em universidades públicas no Brasil.



OLÁ BEM GRUPO PROFESSOR SURD@ REGIÕES BRASIL


(2m) - (md) - (/ \) (2m) - (md) (2x) - (md) (>) (2m) - (md) (>)
Olá, grupo de professores Surdos de diferentes regiões do Brasil, tudo bem?

Excerto 4:  direciona sua conversa aos seguidores do Facebook.



OI TOD@S FACEBOOK

(md) - (2m) - (2m) -
Olá a todos(as) do Facebook!




A continuidade dos vídeos mencionados contempla assuntos variados, conforme observado, eles evidenciam diferentes perspectivas e audiências a serem englobadas. É perceptível a aproximação das líderes com o grupo de pessoas à uma determinada temática, no sentido de esclarecimento, de participação ou de atuação. No caso de , fica explícito o chamado aos cariocas para a participação no evento. Ao longo do vídeo a líder faz menção à facilidade de poder morar no Rio de Janeiro e de ter a oportunidade de participar de um evento no mesmo local, sem necessitar comprar passagens aéreas ou pagar hotel. O jeito íntimo  relacionar-se com a audiência e a aproximação/ identificação com o local podem ser concebidos como uma forma de liderança para a obtenção de um maior número de adeptos para participar do evento.


Já o excerto 2 abrange outras questões, pois  conversa com a sociedade Surda brasileira trazendo esclarecimentos sobre a importância dessa sociedade aprender e conscientizar-se a respeito das escolas bilíngues para Surdos. Essa mensagem pode ser considerada de caráter informativo e, também, de influência política, visto que no momento em que as pessoas compreenderem o papel da educação bilíngue. O requerimento por tal formato educacional não partirá somente das lideranças, mas será compartilhado em um

mesmo sentido desde as bases. Além disso, a educação bilíngue para Surdos pressupõe o ensino da LIBRAS como primeira língua. Esse ponto de vista fortalece a necessidade do ensino de uma língua padrão e potencializa um maior número de adeptos à mesma forma de comunicação, fortalecendo assim o movimento a partir de uma mesma perspectiva linguística.

Do mesmo modo que  se comunica com uma grande audiência,  se refere aos seguidores do *Facebook*. Após ter iniciado a discussão através dessa mídia interativa, a líder elabora um vídeo e define o grupo de seguidores a partir da explicação do tema a ser tratado e para quem irá destinar a discussão. A partir daí, sinaliza em resposta às questões levantadas anteriormente via *Facebook* e clarifica alguns pontos acerca da diferenciação entre a cultura Surda e a cultura ouvinte. Assim, suas explicações incorporam, inicialmente, sua trajetória de vida, sendo deste modo relevante por validar seu discurso. Também é conferida a legitimidade por meio da declaração de pertencimento à uma família composta por gerações de Surdos utentes da LIBRAS e com domínio do Português, na modalidade escrita. Além disso, é necessário o entendimento a respeito da política brasileira sem que haja a necessidade de seguir os conselhos ou orientações de pessoas ouvintes.

Desta forma, constato que tais características empoderam a líder e aproximam sua trajetória a um ideal de liderança. Gal (2009) argumenta que a relação da língua com os espaços políticos é sempre mediada por sistemas culturais (ideologias linguísticas) que definem os próprios termos que são discutidos. Ao fazer um paralelo entre as manifestações das líderes Surdas e a discussão de Gal, observo que existe a iniciativa de embasar uma discussão, a qual é respaldada por uma padronização e disseminação da LIBRAS, a partir da publicação de vídeos direcionados às audiências que venham a corroborar ou seguir os argumentos propostos. Refiro, então, que os discursos são uma forma de empoderamento das líderes, o que ocorre através da autoridade adquirida em relação ao conhecimento referente à LIBRAS e o pertencimento familiar entre pessoas Surdas.

Isso possibilita que  direcione sua audiência a partir de ideias que levam à demarcação das diferenças culturais identificadas pela líder e o aprofundamento linguístico para o entendimento das questões políticas. Segundo ela, sem o entendimento mais aprofundado da língua torna-se difícil adentrar às complexidades dos partidos políticos e das propostas apresentadas pelos governantes. Assim como ,  fortalece a *comunidade virtual Surda* com as identificações das características que são consideradas importantes e que reiteram o foco comum de fortalecimento da LIBRAS e da comunidade Surda. De acordo com Gal (2009), algumas arguições são vinculadas à lógica cultural do grupo para possibilitar reivindicações políticas que remetem à língua e ao território.

Em relação ao discurso endereçado aos professores Surdos,  tem um objetivo a ser destacado: o mapeamento dos professores que estão atuando em universidades públicas no Brasil. Ao mesmo tempo em que a líder busca conhecer a realidade de inserção no nível superior dessa categoria, ela sugere também a oportunidade de contato com a mesma. Conseqüentemente, isso possibilita conhecer as pesquisas e os estudos desenvolvidos atualmente. Existe, então, a expectativa de trocas de conhecimentos e de futuras alianças a partir do contato gerado inicialmente. Essa audiência lança outras formas de fortalecimento da *comunidade virtual Surda*, ou seja, de formação de futuras lideranças, de compartilhamento de ideias que possam ser agregadas aos discursos das líderes com respaldo científico, além do conhecimento a respeito do que vem sendo estudado e disseminado na esfera acadêmica pelos professores Surdos. Outra contribuição considerável a esse respeito é a geração de pesquisas direcionadas ao desenvolvimento gramatical da LIBRAS, o que se amplia aos horizontes de consolidação de regras e de uma padronização da língua.

Ao ter acesso às transcrições, torna-se viável, através de uma perspectiva da Antropologia Linguística, analisar as repercussões dos discursos postados via *YouTube* e adentrar as especificidades argumentativas geradas por


meio dos termos e sinais utilizados. Nesse caso, as líderes direcionam a audiência, de forma implícita e por meio de diferentes argumentos gerados em seus discursos, tendo o intuito de institucionalizar uma, então, possível padronização linguística da Língua de Sinais no Brasil.

4.1. A importância da LIBRAS e do movimento Surdo na ótica das Líderes

No que se refere à auto-afirmação cultural das líderes Surdas, durante a pesquisa etnográfica, identifiquei várias demonstrações dessa emergência de reconhecimento expressas por meio dos vídeos do *YouTube*. Nessa perspectiva, a LIBRAS torna-se um elemento positivo e constituinte da cultura do grupo pelo viés argumentativo das líderes Surdas. Ao mesmo tempo em que elas demonstram a necessidade de construção da categoria *cultura Surda*, é criado um elo de identificação com a possível audiência. Se de um lado a líder representa o domínio do conhecimento e da autoridade para discutir determinado tema, através da língua de sinais; de outro, há uma diversidade de espectadores Surdos(as) e de possíveis líderes que podem seguir ou apoiar as ideias que inspiram os vídeos.

Sendo assim, esse elo forma-se por intermédio do vídeo, sendo ele constituído por uma líder, com conhecimento acadêmico e institucional para sinalizar aos demais, além de apresentar poder argumentativo e propriedade referente ao tema debatido. Ademais, é relevante mencionar que as pessoas que assistem ao mesmo são, de modo geral Surdos(as), brasileiros(as) e, em alguns casos, cariocas, professores(as) e usuários(as) do *Facebook*, que utilizam a LIBRAS como primeira língua. Nesse sentido, o compartilhar cultural advém de uma premissa elaborada por dois fatores comuns em todos os vídeos: *ser Surdo(a)* e comunicar em LIBRAS.



A partir de alguns trechos dos vídeos transcritos e analisados, construo o argumento de que as líderes Surdas usufruem das características que as aproximam de sua audiência e demarcam a necessidade do fortalecimento desse elo cultural e linguístico. A identificação de *ser SURD@* remete à categoria de compartilhamento simbólico da *cultura Surda*. E, em relação à


LIBRAS, a língua oferece uma conexão importante para assegurar a diferença cultural e, também, para salientar a acessibilidade aos serviços públicos e privados. Nessa sequência,  descreve em uma entrevista postada em seu canal do *YouTube*, após a participação como palestrante de um evento, que a utilização da LIBRAS está regulamentada por artigos legais que evidenciam a necessidade de aceitação da língua e da *cultura Surda*, conforme demonstra o excerto que segue:

3 ARTIGO MOSTRAR O QUE EXEMPLO ACEITAR LIBRAS
 (ma) (2x) (ma) - (md) - (/ \) (md) (2X) (2m) - (2m) - (1X)
 existem artigos que demonstram, por exemplo, a aceitação da LIBRAS

4 ENSINO ACEITAR LIBRAS TAMBÉM ACEITAR CULTURA
 (2m) (2x) (2m) - (2m) - (1x) (/ \) (2m) - (2x) (2m) - (md) (>)
 e a aceitação da LIBRAS no que se refere ao ensino e à aceitação da cultura,

5 LÍNGUA SURDA ACEITAR CULTURA SURDA
 (2m) - (md) (>) (/ \) (2m) - (md) (>) (md) (>) (/ \)
 da língua Surda e da aceitação da cultura do Surdos.

 oferece esclarecimentos a respeito da aceitação da língua e da cultura Surda, os quais podem ser acessados por meio dos documentos legais. A líder enfatiza (como descrito nas linhas 3, 4 e 5), a necessidade da admissão da LIBRAS, do ensino dessa língua e da relação existente entre essa língua e a constituição cultural Surda. , além de expressar autoridade a respeito dos conhecimentos sobre a temática, corrobora com a afirmativa de que a LIBRAS deve ser considerada como a primeira língua das pessoas Surdas. Assim, verifico a afirmação da conjunção das duas categorias - língua e cultura - como uma estratégia política de identificação para a construção de coletividade.


Ao mesmo tempo que  reitera a importância de assegurar a constituição linguística enquanto lei durante a entrevista, ela também pontua o uso dos diferentes espaços para a difusão de tal ideologia. Nesse sentido, a temática sobre o reconhecimento da diversidade é abordado, o qual deve ser debatido em eventos, tais como a convenção:

8 EU VER CONVENÇÃO MOSTRAR PRECISAR SURDO BRASIL
 (md) - (md) - (md) - (ma) - (2m) - (2x) (md) (>) (md) (>)
 Eu vejo que a convenção ajuda a mostrar o que o surdo precisa no Brasil,



9 TAMBÉM AMERICA LATINA TAMBÉM MUNDO MUNDO
 (2m) - (2x) (2m) - (2m) - (2x) (2m) - (2m) - (/ \)
 também na América Latina e, também, no mundo, no mundo


10 FORTALECER RECONHECER DIVERSIDADE PRECISAR
 (md) - (ma) (>) (2m) - (/ \) (2m) -
 para ter um fortalecimento em relação ao reconhecimento da diversidade,

11 DIVERSIDADE ACONTECER
 (2m) - (/ \) (md) - (/ \)
 a diversidade precisa acontecer.

A partir do contexto do evento, que a líder participou como palestrante, esse não vinha apresentando discussões e/ou temáticas que envolvessem a LIBRAS como tema central. Desse modo, a participação de , além de ampliar os espaços de apresentação, contribui com as possíveis filiações e a construção do entendimento acerca da LIBRAS, a partir da perspectiva expressa pela líder. Somente a certificação legal não suporta o reconhecimento social e a abrangência do uso da língua para constituição de um *ethos linguístico*. Dessa forma, entendo que a mobilização das líderes, por meio da difusão de vídeos acessíveis via *YouTube*, auxiliam na concretização de espaços de esclarecimento quanto ao uso da língua, da sua legislação e do seu reconhecimento social em outras instâncias, como em países da América Latina, além de despertar o empoderamento daqueles que utilizam essa língua.

Assim como mencionado anteriormente, Kroskrity (2009) relata que a agência se constitui a partir do processo de conscientização para a transformação das pessoas e do sistema, o que pode ser verificado a partir dos discursos das líderes ao reiterar a importância do uso da LIBRAS como principal meio de acessibilidade ao inserir a discussão em nível institucional.





Do mesmo modo,  convoca os demais líderes para assumir a responsabilidade de organização da *comunidade Surda*, com a urgência de maior ativismo do grupo para a conquista de diferentes espaços. A partir forma como  convoca sua audiência, existe, implicitamente a ideia de que já há a constituição de uma comunidade, a qual ainda não descrita nos termos de

comunidade virtual Surda, no entanto, emerge o sentimento de comunicar com todos aqueles que estão vinculados ao grupo e que usufruem das mídias virtuais como meio de interação. A exemplo disso, um dos vídeos postados por , que está direcionado à uma parcela significativa da população Surda que, segunda ela, considera não estar se envolvendo como deveria em prol do movimento Surdo. Assim a líder expressa sua preocupação para com a *comunidade Surda*, no que se refere à responsabilidade que os Surdos têm na organização e difusão dessa comunidade, que pode ser observado conforme o excerto que segue:

7 RESPONSABILIDADE ORGANIZAR COMBINAR QUERER NÓS O QUE?
 (2m) (<) (2m) - (1x) (ma) - (2m) (1x) - (md) - (md) - (/ \)

8 O quê nós temos a responsabilidade de organizar, de combinar?
 ENCONTRAR PREOCUPAR NOSSA COMUNIDADE SURD@
 (2m) - (2m) (>) (<) (2m) - (2m) - (md) (>)

9 Devemos nos preocupar em encontrar a nossa comunidade Surda,
 TAMBÉM JÁ PARAR
 (2m) - (1x) (md) - (md) -
 que também está parada.

A iniciativa das líderes demonstra o empoderamento de seus discursos e a agência para a mobilização do movimento por meio da criação e da disseminação dos vídeos. Embora os argumentos de  e de  sejam endereçados às audiências diferenciadas, é perceptível o direcionamento para a abertura de espaços de discussão a respeito da língua e da mobilização das pessoas que compõem o grupo. Observo que  direciona a sua entrevista aos/às estudiosos(as) Surdos(as), no sentido de significar o uso da LIBRAS nas esferas institucionais e legais, não só em relação ao Brasil, mas também à toda América Latina e ao mundo. Desse modo, pontuo que a líder busca a constituição de um número maior de intelectuais para a divulgação e abrangência da temática. Já , em seu vídeo, faz um chamamento à Sociedade Surda brasileira, trazendo em sua narrativa um formato explicativo, descrevendo o que acontece e como é necessário intervir. Assim, a líder

descreve que o movimento está estagnado e que um grupo, o qual ela é integrante, tem a responsabilidade de auxiliar nesse processo.

5. Resultados e Conclusões

As postagens no *YouTube* das líderes Surdas foram identificadas como um meio de fortalecimento das redes de relações do grupo no ambiente virtual por meio da LIBRAS. Os vídeos buscam uma comunicação direta com diferentes segmentos, tais como aprendizes dessa língua, professores e participantes dos movimentos Surdos, usuários do *Facebook*, e também aquelas pessoas denominadas como “sociedade Surda do Brasil”. Os tópicos divulgados pelas líderes abrangem diversificados temas, os quais são debatidos com o intuito de obtenção de acessibilidade. Sendo assim, estão presentes nos discursos os temas que envolvem a inclusão e os direitos dos Surdos, a educação bilíngue, as explicações a respeito da gramática da LIBRAS, a motivação e a disseminação de ideias referentes à importância da LIBRAS como primeira língua de acesso das pessoas Surdas.

Observei que as postagens no *YouTube* são consideradas como ferramentas que oferecem: 1) a possibilidade de ver e ser entendido por meio da internet, levando em conta a modalidade visual-espacial da língua; 2) o empoderamento de identificação por meio da própria língua para a construção de uma *comunidade virtual Surda*.

Identifiquei por meio da pesquisa as diferentes *performances* desempenhadas pelas líderes Surdas através da *internet*, como por exemplo a empatia na comunicação a partir da aproximação com a audiência, conforme a categoria de identificação: cariocas ou grupo do *Facebook*. Assim, descrevo que a forma com as líderes reportam-se aos espectadores promove uma adesão contínua aos vídeos e, conseqüentemente, aos conteúdo que está sendo disseminado. Outro ponto que saliento é o fato de os vídeos contemplarem a modalidade visual, o que possibilita a comunicação por meio da primeira língua dessas líderes: a LIBRAS.

As líderes Surdas tiveram a emancipação de suas postagens através dos seguidores que promovem a divulgação de seus discursos, seja pela interação entre os espectadores e as líderes por meio de perguntas e respostas; seja para tecer comentários a respeito do tema tratado no vídeo. Dessa forma, é importante descrever que, de maneira geral, todos os vídeos foram construídos a partir do uso de uma língua padrão formal. Nesse sentido, Marcuschi (2001), aponta que a tecnologia digital possibilita uma releitura do status linguístico e cultural daqueles que acessam as multimídias *online*. Desta maneira, os canais do *YouTube* se apresentam como um dos principais meios de *agência* para a constituição de uma *comunidade virtual Surda*. A partir disso, as líderes acessam diferentes audiências e geram empatia por meio da compatibilidade de temas discutidos, que levam ao empoderamento Surdo(a).

Tendo em vista a realização da análise microssocial por meio da decupagem dos vídeos e da apresentação das transcrições, menciono a utilização das expressões na LIBRAS como um meio de enfatizar o próprio discurso de reconhecimento dessa língua. Ainda, a demarcação de determinados sinais realizados pelas líderes, sua identificação e discussão no campo das ideologias linguísticas aproxima dos estudos que vêm sendo realizados no campo da Antropologia Linguística.

Ainda, evidencio a demarcação de duas diferenças nos discursos, sendo elas: o uso da LIBRAS, como uma especificidade linguística e cultural; e a necessidade de abertura de mais espaços emancipatórios dos direitos sociais, políticos e educacionais. Tais resultados apontam para avanços a partir da organização dos movimentos sociais, em que o contexto dimensiona as articulações do movimento de mulheres Surdas e direciona para a legitimação do segmento visando a acessibilidade, frente à incorporação das ações na prática cotidiana dessas mulheres.

No que se refere à composição teórico-metodológica da Antropologia Linguística, esta possibilita a análise dos discursos dessas líderes Surdas para o entendimento de como determinados sinais podem ser identificados como argumentos importantes na formação de uma comunidade. Também, a utilização da análise linguística auxilia na identificação de palavras-chave, as quais tem o

poder de agregar, como no caso da inserção dos pronomes na primeira pessoa do plural, como demonstrado ao longo dos excertos. Assim como reitera Gal (2006), esse campo realiza a análise das práticas linguísticas como ações culturalmente significativas, as quais revelam o contexto social.

O desenvolvimento de pesquisas com a discussão teórica e metodológica com o foco de análise nas falas, nos sinais ou nas descrições gestuais ou escritas, assim como realizado na análise dos discursos das líderes Surdas, possibilita contribuições para uma discussão relacionada ao campo da Antropologia Linguística no Brasil.

6. Referências Bibliográficas

BAUMAN, R. **Verbal Art as Performance**. Prospect Heights, Illinois: Waveland Press, 1977.

BIELLA, P. Elementary Forms of the Digital Media: Tools for Applied Action Research in Visual Anthropology. In: STRONG, Mary; WILDER, Laena (eds). **To appear in Viewpoints: Visual Anthropologists at Work**. Austin: University of Texas Press: 2008.

BOURDIEU, P. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BRASIL. **Lei 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a regulamentação da LIBRAS. Disponível em: <http://www.libras.org.br/leilibras.php>. Consulta em: 20 nov. 2014.

BRIGGS, C. L. Discourse, Anthropology of. **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, 2nd edition, Volume 6, 2015.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO; A. C. **Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2008.

FELIPE, T. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.

FERREIRA-BRITO, L. Similarities and Differences in Two Sign Languages. *Sign Language Studies*. 42: 45-46. Linstok Press, In: Silver Spring, USA, 1984.

GAL, S. Language Ideologies Compared: Metaphors of Public/Private. **Journal of Linguistic Anthropology**, Vol. 15, Issue 1, pp. 23–37, 2005.

_____. Linguistic Anthropology. In: BROWN, K. **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Elsevier, 2006.

_____. Language and Political Space. In: AUER, P. & SCHMIDT, J.E. (orgs). **Language and Space**. Mouton de Gruyter, 2009.

GEERTZ, C.. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis**. New York: Harper, 1974.

GOODWIN, M. H. **He-Said-She-Said: Talk as Social Organization among Black Children**. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

HEREDIA, F. “Me di cuenta de que podía hablar con las manos...”: las personas sordas y su encuentro con la Lengua de Señas y la comunidad sorda*. in: **IX Congreso Argentino de Antropología Social “Fronteras de la Antropología”**, 2007.

HYMES, D. “**In Vain I Tried to Tell You**”: Essays in Native American Ethnopoetics. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

KARNOPP, L. **Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**: estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos. 1994. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1994.

KEATING, E. **Space**. *Journal of Linguistic Anthropology* 9 (1-2) 234-237. American Anthropological Association, 2000.

KLIMA, E. & BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KROSKRITY, P. V. Arizona Tewa Kiva Speech as a Manifestation of a Dominant Language Ideology. In: SCHIEFFELIN, Bambi; WOOLARD, Kathryn; KROSKRITY, Paul V. (orgs). **Language Ideologies: Practice and Theory**. p. 103-122. New York: Oxford University Press, 1998.

_____. Embodying the Reversal of Language Shift: Agency, Incorporation, and Language Ideological Change in the Western Mono Community of Central California. In: KROSKRITY, Paul V.; FIELD, Margaret C. (orgs). **Native American Language Ideologies: Beliefs, Practices, and Struggles in Indian Country**. p. 190-210. Tucson: The University of Arizona Press, 2009.

MARCUSCHI, L. A.. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e Gêneros Digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 1367.

_____. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem & Ensino**, Vol. 4, Nº 1, 2001, p. 79-111.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição de dados. **Alfa**, São Paulo, 54 (1): 265-289, 2010.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada. In H. Salles (Org.). **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais**. p. 73-96. Goiânia, GO: Cênone Editorial, 2007.

MENDOZA-DENTON. Norma. **Homegirls: Language and cultural practice among Latina youth gangs**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2008.

NONAKA, A.; MESH, K.; SAGARA, K. Signed Names in Japanese Sign Language: Linguistic and Cultural Analyses. **Sign Language Studies**, Vol 16, nº 1, 2015, pp. 57-85.

PADDEN & HUMPHRIES. **Inside Deaf Culture**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006.

PEIRANO, M. (Org.). **O dito e o feito: ensaios de Antropologia dos Rituais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

_____. Etnografia não é método. In: VICTORA, Ceres & SARTI, Synthia (org). Sofrimento e Violência. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n.42, jul/dez. 2014.

QUADROS, R. M. de. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição**. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre, 1995.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira – Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RHEINGOLD, H. **The virtual community**. Reading, MA: Addison-Wesley, 1993.

ROCHA, A. L. C. Antropologia das formas sensíveis. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, jul./set. 1995.

SILVERSTEIN, M. Shifters, linguistic categories, and cultural description. In: BASSO, K., SELBY, H. A. (Eds.), **Meaning in Anthropology**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1976.

_____. Language Structure and Linguistic Ideology. In: CLYNE, Paul R.; HANKS, William; HOFBAUER, Carol L. (orgs). **The Elements: A Parasection on Units and Levels**. p. 193-247. Chicago: Chicago Linguistics Society, 1979.

_____. Metapragmatic Discourse and Metapragmatic Function. In: LUCY, John A. (org). *Reflexive Language*. p. 33-58. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. Monoglot A Standard in America: Standardization and Metaphors of Linguistic Hegemony. In: BRENNEIS, Donald; MACAULAY, Ronald K.S. (orgs). **The Matrix of Language: Contemporary Linguistic Anthropology**. p. 284-306. Westview Press: Boulder, Colorado, 1996.

STOKOE, W. **Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language**. Silver Spring, MD: Listok Press, 1960.